

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-05-15

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Dores, A. (2023). O panóptico de Bentham e os cuidados modernos. In Joaquim Braga, Marcela Uchôa (Ed.), *Cuidado, tecnologia, terapia*. (pp. 99-136). Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra.

Further information on publisher's website:

[10.5281/zenodo.8010447](https://doi.org/10.5281/zenodo.8010447)

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Dores, A. (2023). O panóptico de Bentham e os cuidados modernos. In Joaquim Braga, Marcela Uchôa (Ed.), *Cuidado, tecnologia, terapia*. (pp. 99-136). Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra., which has been published in final form at <https://dx.doi.org/10.5281/zenodo.8010447>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

CAPÍTULO 5

O PANÓPTICO DE BENTHAM E OS CUIDADOS MODERNOS

António Dores

Resumo: Uma definição de cuidados produzida pela Inteligência Artificial deve ser interpretada no quadro da especificidade da cultura ocidental. Esse quadro é parte integrante da missão civilizadora auto-atribuída e imposta ao mundo, incluindo, mas de outra forma, aos povos ocidentais. O panóptico é a expressão da descoberta de um dos algoritmos sociais que permite as pessoas reduzidas a indivíduos e usadas como recursos humanos serem cúmplices voluntárias da missão civilizadora exploradora da Terra. O panóptico distingue, separando, cada pessoa das outras, hierarquizando privilégios, incluindo o acesso a cuidados. No fundo da hierarquia estão os espectros aterrorizadores dos escravos, dos excluídos, dos inimigos e dos criminosos. Desenhado antes da era da vigilância electrónica, esse algoritmo continua a ser um dos moldes que produzem pessoas modernas limitadas à servidão voluntária e, a seu nível, cúmplices da imposição de guerras, torturas, maus-tratos e sacrifícios aos outros e a si próprias.

Palavras-chave: cuidados, assistencialismo, panóptico, inteligência artificial, modernidade, discriminações, invisibilidades, servidão voluntária, síndrome de Estocolmo.

As sociedades modernas expulsaram da sua história os cuidados. Rebaixaram-nos, desvalorizaram-nos. Usam máquinas sociais, disposições mentais, micro-poderes para mumificar o tempo, excluindo dele os tempos de trabalho dedicados a cuidar. O panóptico representa uma dessas máquinas, um algoritmo incorporável e incorporado, uma disciplina hierarquicamente imposta e inconscientemente reproduzida. Este é o ponto de partida e de chegada deste artigo.

No Tibete, por exemplo, os cuidados da criança que substituiu à morte o Dalai Lama é uma tarefa sagrada. A Bíblia refere as matanças dos inocentes, destruindo todo o empenho de uma sociedade em se cuidar e reproduzir. Nas culturas africanas, os mais velhos beneficiam de um respeito e de cuidados dedicados só a eles. Os processos de individualização modernos resultam em desprestígio para crianças, mulheres e idosos, e muitas outras categorias de pessoas culturalmente expulsas do protagonismo social reservado a figuras idealizadas de homens adultos e activos ocidentalizados, representando elites criativas, exploradoras, conquistadoras, destruidoras que acreditam no progresso do crescimento como prova do favor dos deuses, em vez de resultado dos cuidados sociais prestados. A história oficial é uma história que invisibiliza tudo quanto contradiga o favor da graça divina de quem domina, a justificação sobrenatural das desigualdades de acesso às melhores condições de cuidados e sobrevivência das classes dominantes.

Apesar de todos os extraordinários avanços científicos, não é possível identificar e saber ou conjecturar como surgiram e como podem ser erradicados os mais graves problemas de cuidados, como a pandemia de sem abrigo, os abusos sexuais de crianças, o abandono de idosos doentes nos hospitais ou em casas de repouso que mais frequentemente do que é aceitável são casas de tortura. Estes e outros problemas de falta de cuidados são obscurecidos, secundarizados

por segredos sociais: mesmo que alguém deles fale, as sociedades e os responsáveis insistem em não os enfrentar, tomando-os como resquícios da natureza e marginalizando os problemas e as pessoas envolvidas, dissuadindo-as de se queixar e ameaçando-as persuasiva e pessoalmente quando o façam.

Assim desconsiderados, os mais graves problemas de cuidado são tratados como problemas pessoais e extraordinários das vítimas a quem apenas as pessoas mais próximas, filantropas ou religiosas prestam atenção. Ainda que escândalos ocasionais possam tornar consciente a existência desses problemas, ainda que as empresas e os estados sejam obrigados a reconhecer a sua existência, as sociedades não persistem na produção de memórias nem de exigências de prioridade para entender e atender a esse tipo de problemas.

A perspectiva de progresso político e económico não se aplica ao quotidiano nem aos cuidados. Como há quem diga, os avanços tecnológicos não têm correspondência nos avanços morais ou sociais. A sociedade, as populações, sobretudo as mais frágeis, são chamadas a esperar por um tempo idílico que nunca mais chega de quando houver excesso de recursos suficientes para investir em problemas que não sejam os do interesse das elites. A erradicação da pobreza e da guerra são objectivos civilizacionais claros e bem conhecidos, mas de realização improvável. Todos os outros problemas de cuidados, ditos também sociais, mesmo quando são reconhecidos, têm ainda menor prioridade.

Haverá alguma razão para estes limites dos poderes modernos quanto à melhoria das condições de vida quotidiana do vulgo?

Antecipando a resposta dir-se-á que o progresso da exploração da Terra e da humanidade organizado por elites imperiais modernas tem limitado a consideração dos aspectos de cuidado na vida pessoal e social da humanidade. A abundância, porventura excessiva, de atenção

aos cuidados das elites e de seus servidores mais directos contrasta com a falta de atenção e valor dispensados aos cuidados de grupos sociais estigmatizados e, com eles, grupos sociais com menor prestígio social. Por exemplo, na educação e na saúde, os avanços científicos e tecnológicos vão a par de discriminações evidentes e recorrentes, mesmo se política e moralmente condenadas e desvalorizadas.

Apresentam-se como positivos os números de pessoas escolarizadas e o número de anos que passaram na escola, mas não se conseguem medir avanços na eficácia das intervenções correctoras das desigualdades sociais, do efeito de estufa na atmosfera, da rápida redução de biodiversidade. A esperança de vida aumentou para o dobro, mas as doenças de civilização e o sofrimento tornaram-se problemas sem solução à vista e cada vez mais ameaçadores neste desastroso início de século XXI em que o sistema financeiro global falido distribui dividendos cada vez maiores.

Na nossa civilização, as actividades estão divididas em investimentos em actividades produtivas e em despesas de reparação da destruição ambiental e social que tal produção implica. No lado das despesas estão a filosofia, a história e as ciências sociais que tratam do quotidiano e são atacadas como inconsequentes, inúteis, desperdício. As despesas em cuidados, como escolas e serviços de saúde, são para minimizar e diminuir.

Os cuidados, porém, não podem ser dispensados. Sem as diferentes modalidades de amor prático indispensáveis à geração, criação e manutenção de pessoas, não haveria humanidade nem elites para definir o objectivo de explorar a Terra. Grande parte do trabalho realizado pela humanidade é de cuidar da humanidade pessoalmente, incluindo das pessoas adultas e saudáveis. São sobretudo mulheres quem culturalmente avança com esse trabalho não pago, não reconhecido, desvalorizado. Ainda que os cuidados possam ser tratados

institucionalmente, como no sector social, ou nos sectores privados da educação e da saúde, para o vulgo a sua eficácia económica mantém-se prioritária relativamente à sua eficácia vital. Quem não tem recursos não estuda nem cuida da saúde.

A ideologia dominante no pós-guerra encarregou os estados de organizar a desmobilização popular a respeito de questões de cuidado. Escolas e serviços de saúde universais foram estabelecidos. Instituíram-se responsabilidades de estado que passaram a assumir despesas para cuidados das populações pagos por impostos, sem perder de vista a protecção e o favorecimento da intensificação da exploração da Terra para acumulação de riqueza, sob a forma de investimentos públicos e privados. Política cujos resultados ambientais se revelaram desastrosos.

O sucesso social desta acumulação foi e é entendido como revelação do mérito da empreitada. Sucesso e mérito protegidos por intensa propaganda mantém-se tendencialmente inquestionados, apesar dos protestos de Greta Thunberg e da sua geração. São socialmente reconhecidos como provas superiores do interesse universal, divino, da civilização que os concretiza. As pessoas mantêm-se a trabalhar da mesma maneira, apesar da cada vez maior consciência ambiental, escamoteando a produção de lixo material e humano abandonado sem cuidados. Expondo o seu poder e escondendo os custos ambientais e sociais, as elites obtêm os favores das sociedades dispostas a sacrificarem-se pelas finalidades superiormente desenhadas. As elites prometem, e as pessoas esperam, que as riquezas acumuladas possam um dia servir para aliviar as dores dos cuidados e recuperar o meio ambiente.

Este artigo começa por apontar uma definição de cuidados produzida pela Inteligência Artificial. Interpreta-a no quadro da especificidade da cultura ocidental. Esse quadro é parte integrante da missão civilizadora auto-atribuída e imposta ao mundo, incluindo, mas de outra

forma, aos povos ocidentais. O panóptico deve ser interpretado como uma descoberta de um dos algoritmos sociais que permite as pessoas reduzidas a indivíduos e usadas como recursos humanos serem cúmplices voluntárias da missão civilizadora exploradora da Terra, distinguindo-se orgulhosamente dos escravos e dos excluídos. Esse algoritmo desenhado antes da existência da programação electrónica continua a ser um dos moldes principais das pessoas modernas limitadas pela servidão voluntária.

A especificidade da cultura ocidental

Emmanuel Todd aponta diferenças entre o inconsciente, o subconsciente e o consciente culturais. O inconsciente é produzido pelas relações de parentesco, o subconsciente pelas relações de transmissão de conhecimentos e o consciente pela discussão de interesses e estratégias de vida. O consciente é traduzido nas linguagens das ciências políticas e económicas, o subconsciente em epistemologias e o inconsciente em propensões para valorizar critérios de igualdade e empatia que convivem e competem com propensões para privilegiar a competição e a hierarquização. Para Todd, a civilização foi construída por famílias estirpe, concentradas em acumular poder num representante, reprimindo as tendências espontâneas para a igualdade.

As discriminações sociais, como a misoginia e a xenofobia, são institucionalmente usadas para limitar as sociabilidades de certas pessoas e alargar a influência de outras, no quadro das actividades de construção de hierarquias sociais cujas acções coordenadas estão subordinadas às decisões de elites, manipulando as vontades dos povos.

Se a democracia é a luta contra as desigualdades sociais, tem-se revelado insuficiente para subverter a hierarquia civilizacional. O

proselitismo universalista e vanguardista ocidental transformou o nosso processo imperial em globalização.

Historicamente, a palavra de ordem Liberdade, Igualdade e Fraternidade foi reduzida pelo positivismo a Ordem e Progresso, estrutura firme e acção pragmática subordinada. A fraternidade, a prestação de cuidados suficientes a todos e cada um, foi esquecida. A Guerra Fria estabeleceu a alternativa entre liberdade e igualdade, representadas pelas duas superpotências. O campo ocidental vencedor reforçou a remissão dos trabalhos de cuidado e a fraternidade entre humanos para escolhas do campo familiar e privado, sem valor político ou económico reconhecido.

A contraposição civilizacional belicosa entre a política de estado (estrutura, ordem e igualdade) e a economia (acção, progresso e liberdade) levou Marx, no século XIX, a promover a ideia de intensificação da luta de classes na esperança de esta vir a resultar dialecticamente numa sociedade sem classes. As duas guerras mundiais mudaram o mundo. Porém, o resultado não foi a harmonia desejada. Como disse Warren Buffet, quem ganhou a luta de classes foram os multimilionários. A globalização promovida pelo ocidente não resultou numa aldeia global. Na prática, ao contrário das intenções dos seus promotores, revelou-se mais favorável aos impérios do oriente, a China e a Índia. A insistência actual desesperada do abuso político das discriminações sociais e do belicismo faz temer a possibilidade da terceira guerra mundial e do holocausto atómico.

O consciente social, a política e a economia, são socialmente guiadas por forças subconscientes e inconscientes que reconduzem a civilização de volta a pontos de partida que se julgavam ultrapassados. A esperança de paz e de melhores cuidados de educação e saúde está a tolar-se em sucessivas crises financeiras e de autoritarismo. Estas

reagem à crise ambiental criando guerras e aumentando as crises humanitárias.

Face ao fracasso das orientações dos governantes, a democracia ocidental, cada vez mais frágil, apela à sociedade, às bases, aos eleitores, à humanidade fraternal, ao amor e empatia, à unidade, na esperança de surgimento milagroso e/ou revolucionário de uma fénix a partir do caos discriminatório e guerreiro com que predominantemente se encaram as lutas pela sobrevivência.

A nossa civilização auto-justifica-se como guerra para a dominação da natureza. Na dúvida, intensifica a guerra. Embora o ocidente reclame por democracia, mesmo continuando a não dar prioridade à prestação de cuidados, de que a miséria e a exploração, incluindo os seus efeitos ecológicos, são resultados práticos, neste momento é a guerra que aumenta ainda mais a sua influência internacional.

A epistemologia punitiva ocidental apresenta a natureza selvagem, sobretudo a ultramarina, como um risco existencial, como um inimigo. Tal apresentação justifica a acção organizada de pessoas belicosas declaradas defensoras da humanidade, especificamente a humanidade cristã, patriarcal, exploradora, colonizadora. No processo, as mulheres, os trabalhadores e os inimigos ficaram a meio caminho do lado da natureza, obrigados a subordinarem-se à missão belicista global apresentada como defensiva.

Os direitos humanos, o direito natural próprio da condição humana, são uma das reacções democráticas à aspereza belicista do espírito dominante na civilização. Os direitos humanos procuram ser o reconhecimento do valor da empatia, recomendação de fraternidade e respeito entre as pessoas e entre as elites e as sociedades. Elites e sociedades empenhadas em desafios belicistas na política internacional e em políticas punitivas a nível nacional.

As ciências, por seu lado, incompatibilizam as ciências naturais e as ciências sociais: a exploração da Terra é bem vista, entendida como necessária, ao contrário da exploração das pessoas. As ciências seguem o preceito dualista de Descartes que separa a *res extensa* ou natureza da *res cogitans* ou capacidade singular de auto-determinação dos humanos, dos melhores entre os humanos.

O trabalho na física, como aquele produzido pela natureza ou pelas máquinas, ao olhar moderno é equivalente ao trabalho humano, como o trabalho escravo. A história tornou a escravatura politicamente in-comportável. A modernidade aprendeu a explorar o trabalho livre. Os trabalhadores reclamaram ser tão humanos quanto as elites. Tornaram-se cidadãos e as elites passaram a designar as suas ocupações por trabalho.

As acções humanas, apesar de serem apresentadas como racionais, estão carregadas de efeitos inconscientes e subconscientes da civilização. Ao nível da consciência, luta-se por mostrar unilateralmente o positivo, como o crescimento económico, e invisibilizar o negativo, como o uso e instigação políticos das discriminações. Porém, como notam os jovens em torno das iniciativas de Greta Thunberg, as perspectivas de vida futura, mesmo para as elites, são perturbadoras. A economia e a política continuam a reproduzir os mesmos efeitos poluentes da Terra e da vida social. Urge visitar os subconscientes (Dores, *Reeducar o Século XXI: Libertar o Espírito Científico*) e os inconscientes que aceitam a desvalorização dos cuidados e da fraternidade.

Descartes

As perspectivas científicas descritas por Descartes desenvolveram-se de modo a separar as partes, desde logo a natureza e as sociedades

humanas, do todo. A base da existência, a natureza da vida, estava e continuou separada da sofisticação cultural hierárquica das organizações sociais modernas. As dinâmicas de baixo para cima continuam a ser pensadas ora como espelho das dinâmicas de cima para baixo ora reminiscências de comportamentos instintivos selvagens. O pensamento “Eu penso, logo existo!” foi denunciado como idealista, sobretudo no século XIX. Apesar de contestada e combatida, a noção religiosa da superioridade natural e justa da espécie humana e, dentro desta, dos mais poderosos (Novak; Weber [1905]), nomeadamente dos homens ocidentais dominantes, manteve-se hegemónica até aos dias de hoje.

A profissionalização das ciências sociais (Coser 27) foi orientada por políticas de hiperespecialização (Merton). Os estudos macro, como as relações internacionais ou as finanças, são separados dos estudos micro, como a antropologia ou a gestão, como se se tratasse de mundos separados e estanques entre si. A concentração das teorias sociais nas questões de poder secundariza os estudos da intimidade (Archer; Giddens). Diferentes disciplinas especializam-se em diferentes níveis de realidade, como a psicologia e a sociologia, ou diferentes dimensões da mesma, como a ciência política, a demografia e a economia. Temas como as emergências, a natureza humana, a violência, os estados de espírito, o inconsciente e o subconsciente de Todd, tornam-se virtualmente intratáveis por não poderem prescindir da compreensão alargada e integrada das relações históricas, a todos os níveis e dimensões, entre a natureza e a humanidade (Latour; Christian; Damásio, *O Erro de Descartes*).

A limitada compreensão dos riscos ambientais pelas teorias sociais (Clark e Szerszynski) deve-se à incompetência adquirida pelas ciências sociais no contexto da missão imperial que criou as ciências naturais antes das ciências sociais. Essa separação epistémica à nascença, no quadro da rivalidade entre teologia e ciência, afectou todas as ciências

(Prigogine; Schofield; Damásio, *O Erro de Descartes*) também elas vítimas do espartilho descrito por Descartes, faz meio milénio. A hiperespecialização tornou-se uma limitação cognitiva insuficientemente compensada pelas experiências holistas.

A opção metodológica dominante é funcional com a separação ainda vigente, mesmo se de modo inconsciente, entre os desígnios religiosos de conquistar a humanidade para a Fé verdadeira, a fé que disponibiliza a Terra ao livre-arbítrio dos conquistadores, e o reconhecimento da legitimidade de todos os seres humanos e dos seres vivos de cuidarem de si e da sua descendência, como reclamam, em parte em vão, os direitos humanos e, totalmente em vão, os direitos da natureza (Petel). Quem tenha autoridade para pensar e representar essa fé, essencialmente a mesma fé do lema “expandir a Fé e o Império!”, representa-se a si próprio como observador superior da exploração de objectos, entre os quais a Terra e a Humanidade. Mimeticamente, as pessoas exploradas e usadas para explorar a Terra são educadas a imaginarem-se hierarquicamente superiores àquilo que exploram a favor dos beneficiários dessa dupla exploração, incluindo às pessoas que não têm recursos para cuidar de si.

Cuidados

Os cuidados são pensados ora do lado das logísticas de emergência e do trauma, incluindo protecção civil, assistência médica e forças armadas, ora do lado feminino da vida, imaginado como forma espontânea de submissão, dependência e resistência. Alegando protecção da privacidade, os cuidados são invisibilizados das representações dominantes sobre a sociedade. A visibilidade dramatizada e belicista

das lutas pelos poderes faz segredo das diferenças hierarquizadas de acesso a cuidados prestados (Clark).

Perguntado “o que significa o conceito de cuidados?”, o chatGPT (<https://chat.openai.com/chat>) respondeu:

“O conceito de cuidados refere-se ao ato de prestar assistência, proteção e atenção a alguém ou a alguma coisa, com o objetivo de promover o bem-estar, a saúde e o desenvolvimento.

Os cuidados podem ser aplicados em diferentes contextos, como na saúde, na educação, no meio ambiente, na família, entre outros. Em cada contexto, os cuidados podem ter especificidades diferentes, mas em geral, envolvem ações que visam a proteção, a prevenção de danos, a promoção do desenvolvimento e o suporte às necessidades e demandas do indivíduo ou da coisa cuidada.

Os cuidados podem ser prestados por indivíduos, grupos ou instituições, e podem envolver diferentes tipos de habilidades, conhecimentos e recursos. Além disso, os cuidados também podem ser entendidos como uma relação entre quem cuida e quem é cuidado, e essa relação pode envolver aspectos emocionais, afetivos e éticos.”

A estrutura da resposta é clara: a) os cuidados são fornecidos por poderes impostos a terceiros em necessidade; b) os cuidados referem-se a uma relação hierárquica entre pessoas ou entre pessoas e o mundo; c) há instituições especializadas na prestação de cuidados, todas diferentes entre si; d) os cuidados são especializados e separam uma parte activa – quem cuida – e uma parte passiva – quem ou o que é cuidado – decorrendo disso um efeito holístico edificante não especificado (a missão imperial).

A Inteligência Artificial aprendeu a mumificar o tempo. Os cuidados são apresentados sem o contexto histórico, a modernização. A

expropriação institucional dos cuidados às fraternidades que tradicionalmente os fornecia não é mencionada.

Esta representação de cuidados evita referir sangue e vísceras, entre a vida e a morte, como as que encontram os cirurgiões quando prestam os seus cuidados. Evita tratar dos problemas das lutas de classe e das guerras, guerras de sobrevivência no campo de batalha e guerras de conquista de direitos de exploração para as elites. Pudicamente, esta noção hegemónica de cuidados apresenta apenas a sua vertente edificante e positiva.

A inteligência artificial (IA) interpela o mundo em que vivemos de um modo que não é evidente, hoje. Um dos problemas apontados à utilização generalizada da IA é semelhante às críticas feitas ao uso popular das redes sociais: pode suscitar, antes de haver uma reacção contra isso, uma polarização em fechamento das convicções de cada um (Arthur). A IA e as redes sociais aprendem a reconhecer os seus interlocutores humanos tendo em vista a satisfação dos seus desejos detectados automaticamente e usados para fins comerciais e, portanto, políticos e económicos (Zuboff). Dos humanos copia os raciocínios dominantes de matriz cartesiana, reforçando-a.

Entre as máquinas de IA e os utilizadores entropem-se os interesses de quem desenha e distribui as máquinas. Os interesses dominantes na indústria da IA não estão preocupados em cuidar das pessoas ou do planeta (O'Neil). O conhecimento capaz de considerar os cuidados na sua justa proporção podem contar com a IA?

As divergências entre os interesses das elites e das sociedades, entre a produção e os cuidados, o trabalho e o lazer, a exploração e a conservação do meio ambiente não são tecnológicas nem de hoje. Só uma história da soberania e dos impérios fará justiça ao sentido da globalização, da civilização e dos cuidados que devem ser resgatados da sua actual secundarização e da sua púdica invisibilidade.

O sequestro imperial

A especialização moderna dos cuidados, seja os de prestação gratuita, familiar ou comunitária, seja os integrados na economia, tem uma história. Faz parte dela o Grande Encarceramento (Foucault, *Dits et Écrits 1954 - 1988* tomo III 403).

As elites medievais sequestradas pelos reis absolutistas construíram nobrezas de robe, seguindo o modelo de Versailles (Elias). Estados com o monopólio da violência legítima, devidamente financiados, dirigiram a missão imperial de explorar a Terra e os seus recursos. As técnicas de subordinação pelo sequestro da aristocracia medieval configuraram os primeiros esboços das sociedades modernas de organização centralizada do trabalho previamente classificado e disciplinado. Os sequestros foram usados para vários fins, como os de reduzir o estatuto e liberdades das mulheres (Federici), dos trabalhadores (Whitehouse), dos adversários políticos, etc. Tais técnicas são usadas também para esconder a imoralidade dos processos de modernização, incluindo as consequências nefastas da individualização, como as dificuldades em encontrar soluções para cuidar de crianças e adultos sem autonomia quando o trabalho se tornou condição de sobrevivência individual perante os riscos de pobreza e exclusão.

Depois da Peste Negra (século XIV), as perseguições das mulheres a respeito das práticas anti-concepcionais, por um lado, aumentaram o exército de trabalhadores de reserva e baixaram os salários, e, por outro lado, geraram jovens e adultos pouco disciplinados, difíceis de disciplinar, de que resultou a Guerra dos Trinta Anos na primeira metade do século XVII. É nessa sequência que Foucault localiza o início do uso do encarceramento institucional disciplinador que levantou problemas morais, até hoje invisibilizados (Sigaut). A partir do século XIX, a política de generalização do assalariamento foi de

par com a política penitenciária e de criminalização dos vagabundos, nómadas ou migrantes (Whitehouse; Palidda).

A manipulação institucionalizada da plasticidade da natureza humana redundou, no caso do ocidente, na organização de impérios patriarcais auto-apresentados e hetero-representados como cuidadores universais, como poderes sequestradores da natureza e das nações onde recrutam trabalhadores para conquistar o mundo para glória e satisfação da humanidade cristã.

Quando se tornam claras as políticas discriminatórias e exploradoras, as elites imperiais batem a mão no peito: *mea culpa!* E mudam tudo para que tudo fique na mesma. Tornaram os trabalhadores cidadãos, deram auto-determinação a nações colonizadas, desenharam políticas contra a pobreza e a desigualdade, contra as alterações climáticas e a actual extinção das espécies, na condição de se manterem as hierarquias imperiais e a prioridade de extracção e acumulação de riqueza que é a causa última de tudo isso. A produtividade e a competitividade, o profissionalismo, continuam a perseguir o crescimento económico sem o qual, à luz da nossa civilização, a vida humana não faz sentido. Ainda que seja esse projecto político que tenha ajudado a termos chegado mais cedo ao fim do período geológico da Terra que criou as condições ambientais mais estáveis e favoráveis à vida humana, os segredos dos cuidados e os vícios de trabalho mantêm a humanidade em rota de colisão com a natureza.

Imaginam-se sociedades modernas livres, civilizadas, educadas, disciplinadas e moralmente superiores umas às outras, em hierarquia de privilégios superiormente concedidos, apenas por efeito da naturalização do Grande Encarceramento. Prova-o o facto de não se estarem a atingir os objectivos desejados (Sandel; Markovits).

O que é o panóptico?

A cultura polarizada e maniqueísta, que presume que a hierarquização é a única forma de organização social (Graeber e Wengrow), sugere não haver saída do sequestro imperial: o panóptico é uma máquina de reforço do efeito da síndrome de Estocolmo provocada pela mobilização para a modernização, cujo hardware é arquitectónico e o software é o espírito de submissão criado pela ameaçadora promessa de sobrevivência (Dores, *Espírito de Submissão*). Quando se pergunta a alguém que trabalha porque o que faz, costuma ouvir-se “tenho uma família para alimentar”.

As vítimas de sequestro podem desenvolver relações afectivas com os seus sequestradores, aceitando-os como guias e orientação, ainda que compreendam que estão a ser maltratadas (Furniss). Tais afectos podem causar sentimentos de culpa às vítimas, conscientes de dependerem dos sequestradores para os seus cuidados. A noção de sobrevivente refere-se, precisamente, à situação de superação da condição de vítima dependente do sequestrador, clarificando emocionalmente na mente o antagonismo de interesses entre abusadores e abusados.

Uma descrição politizada desse processo de sobrevivência aplicada ao projecto de emancipação dos trabalhadores pode ser lida num romance que descreve a tomada de consciência política de um orgulhoso trabalhador que se torna revolucionário (Ostrovski [1934]), no quadro da ideia, entretanto caída em desuso, de a liberdade no trabalho vir a criar um homem novo, liberto do jugo capitalista e imperial.

O século XXI acentuou a consciência de impotência e submissão resultante da síndrome de Estocolmo gerada pelo Grande Encarceramento. Os pós-humanistas vaticinam a desumanização da Terra organizada pelas máquinas imperiais (Harari). As máquinas podem estar a atingir um nível de eficiência superior à dos humanos, dispensando-os. Parece

que a solução para a fome, a ilegalidade dos refugiados, a guerra, os abusos sexuais, a exploração de trabalho infantil, a condição de sem abrigo, a pobreza e outras misérias é o desaparecimento da humanidade. As máquinas são imunes à moral. A sua manutenção é mais barata e incondicional do que as despesas investidas em pessoas.

O panóptico é um écran mental que representa a vida moderna antes de haver *gadgets* electrónicos. É uma inteligência artificial sem electrónica incorporada através do uso institucionalizado da síndrome de Estocolmo. É disso que nos fala, a seu modo, o estrutural-funcionalismo (Parsons). As estruturas sociais modernas seriam impostas às pessoas como regras morais e valores através de instituições organizadas de modo fechado, como sistemas ou subsistemas. Às pessoas modernas caberia integrar as organizações que lhes oferecessem oportunidade de sobrevivência e afeiçoar-se às respectivas normas-valores e funções sociais.

Esta sociedade moderna atrai as pessoas disponíveis para os papeis individualizados de que os empregadores precisam para explorar a Terra. Recebem em contrapartida não apenas um salário, mas a possibilidade de sobrevivência associada a uma identidade profissional como aquela com que nos apresentamos em público. Fora dessas oportunidades interesseiras disponíveis, há a marginalidade e as dificuldades associadas, nomeadamente as limitações mais radicais no acesso a cuidados.

A marginalidade é apresentada como um mundo à parte, uma guerra entre vigilantes e vigiados. É tacitamente explicada como uma reminiscência da vida selvagem, da violência ancestral, quando na verdade é o aspecto secreto e sombrio da modernização. Ambos os papeis sociais previstos no desenho do panóptico, se generalizados a todas as organizações, como propunha o autor, significariam a denúncia e o reconhecimento de a modernidade usar profusamente

o sequestro para obter força-de-trabalho disciplinada e submissa às finalidades das elites.

Os marginais – a que Marx chamou exército proletário de reserva – subsistem a lutar por cuidados entre si, remetidos para o lixo que cai da mesa das pessoas integradas, muitas delas temerosas. Vivem ameaçadas pela presença dos marginais, por baixo, e das elites, por cima.

O panóptico é uma norma abstracta a respeitar, um regimento inscrito no espaço arquitectónico de modo a torná-lo estrutural. Nele se faz abstracção das necessidades, porém indispensáveis, de cuidados.

Os assalariados tratam dos seus cuidados. O amor, a empatia, a felicidade, são assuntos privados. A quem não tem família ou rendimentos suficientes é atribuída a responsabilidade pessoal da situação em que se encontra, na margem. O panóptico impõe-se como um estado e faz a economia dos cuidados, invisibilizando-os, reduzindo-lhes o valor com a notável excepção das penitenciárias. Nelas se pagam custos de cuidados de três salários mínimos, havendo quem reclame de as prisões serem hotéis.

O panóptico refere-se a um micro-poder, um algoritmo mental moderno incorporado em reforço das tendências de individualização e da legitimação dos sacrifícios pelo trabalho ao serviço da inquestionada missão imperial.

Na nossa civilização, direitos humanos, fraternidade, pessoas, cuidados, felicidade, vida, são preteridos por negócios, lutas entre liberdade e igualdade, lutas de indivíduos pelo poder, acumulação de recursos materiais e humanos. Os lixos desses processos, materiais e humanos, são ignorados e pudicamente invisibilizados para evitar escândalos e sobressaltos. Partes importantes do sistema produtivo e reprodutivo, incluindo os cuidados indispensáveis à existência de humanos, são invisibilizados com a mesma finalidade.

O panóptico é um algoritmo culturalmente inscrito nas pessoas e também nas máquinas, incluindo as mais modernas como a IA. Além de vigiar e punir, o panóptico invisibiliza e desvaloriza as prestações de cuidados externalizando-as, marginalizando-as. Foca as pessoas na necessidade de obediência cega aos superiores, mesmo fora da tropa (Arendt). Os cuidados são entendidos como limitações exteriores à civilização, à organização. São despesas e custos a externalizar. São problemas das pessoas que não deveriam repercutir-se nos desempenhos dos indivíduos sacrificados na guerra e no trabalho pela modernização. Mesmo assim, veja-se a nossa sorte, generosamente ajudadas pelos estados nossos amigos, as sociedades nacionais têm sobrevivido. A perspectiva da nossa substituição por máquinas inteligentes é apenas um prognóstico económico. Ameaça que pode ajudar a reforçar a nossa disciplina civilizada.

Algoritmo panóptico

O panóptico foi uma descoberta de Jeremy Bentham de 1787, traduzida sob a forma de filosofia utilitarista.

O seu irmão engenheiro trabalhava na Rússia de Catarina II para demonstrar à Czarina as técnicas de mobilização de recursos humanos já experimentadas em Inglaterra. Jeremy visitou-o e aprendeu, fascinado, como o seu irmão trabalhava para transformar os camponeses em operários. O espírito racional de Bentham reduziu a estratégia de individuação usada pelo seu irmão a um algoritmo – como hoje se lhe chamaria. Traduziu-o em desenho arquitectónico e não em circuitos electrónicos. Descobriu uma das grandes tendências da modernização.

O panóptico aplicar-se-ia a todas as instituições modernas, seja as de produção, como as fábricas, seja as de prestações de cuidados,

como as escolas, hospitais ou prisões. O algoritmo utilitarista ficou associado às prisões quando, por coincidência, era sobre elas que o parlamento inglês debatia quando o entusiasmado filósofo chegou a Londres. O entusiasmo de Bentham, a sua obsessão classificatória, a sua excentricidade, a clareza do desenho, tornou-o famoso como filósofo.

As prisões panópticas são raras. Porém, a incorporação de algoritmos mentais de individuação foi-se efectivamente radicando nas pessoas, com a modernização.

Concretamente, os cuidados tradicionalmente prestados em comunidade, para o melhor e o pior, foram sendo centralizados pelos estados em instituições públicas e privadas usando trabalhadores ao serviço para cuidar de crianças, de grávidas, de idosos, de doentes, de moribundos, de um modo burocrático, unilateral, de cima para baixo, individualizado. A personalização dos cuidados de saúde é um luxo: é mais cara para quem precisa de cuidados e mais exigente para os profissionais.

As políticas anti-discriminatórias nas escolas e de humanização nos hospitais reflectem o reconhecimento social e institucional das discriminações e desumanização perpetradas nestas organizações de prestação de cuidados. As televisões, a IA e as redes sociais também isolam socialmente as pessoas, reduzindo-as a indivíduos passivos ansiosos por se adaptarem às circunstâncias que lhes são impostas como zombies viciados.

O algoritmo panóptico, a máquina mental incorporada que reduz as pessoas a indivíduos alegadamente livres, mas submissos, descoberta e apresentada por Bentham, continua a funcionar mais de duzentos anos depois. Os seus efeitos não decorrem apenas nem sobretudo da actividade das prisões. Eles são transversais às sociedades modernas e espelham-se também na Inteligência Artificial.

A invisibilização civilizada

A dualidade de critérios ancorada no sexo, nas classes sociais, em qualquer tipo de desigualdades, desde a que separa a natureza da humanidade, tem as suas bases cognitivas discriminatórias, belicistas e polarizadas em argumentos elaborados também pelas ciências sociais a que se atribui valor racional. Pensar a natureza dispensa pensar a sociedade, e vice-versa. Eis a mãe cartesiana de todas as invisibilidades e de todas as especializações.

A prioridade às prestações de cuidados humanizados e sem discriminações à natureza e às pessoas não está à vista. A desvalorização estrutural dos aspectos femininos da vida, entre os quais a mãe-natureza e os cuidados, serve um propósito civilizacional maior: fazer depender a existência das pessoas da sua colaboração na missão imperial. As apresentações espectacularizadas das lutas de galos pelos poderes distraem as pessoas das vantagens da fraternidade no relacionamento entre humanos e destes com a natureza. As empresas, as escolas, a economia social, as famílias, por interesse próprio ou ao serviço de interesses superiores, invisibilizam, naturalizam as discriminações, as hierarquizações e os processos de escamotear a imoralidade da construção de obstáculos no acesso a cuidados de certas pessoas para fins de subordinação das populações.

Chega cinicamente a dizer-se ser preciso conter os desejos sexuais dos pobres por os salários serem de miséria e as sociedades se recusarem a fazer despesas com os filhos deles.

Os cuidados estão conotados com sentimentos especialmente positivos, platónicos e reconfortantes de solidariedade e empatia. Mas encobrem efeitos institucionais negativos, como a violência nas escolas, a desumanização nos serviços de saúde, os abusos em lares de acolhimento, negócios de seres humanos. A boa vontade com que se

pensa em cuidados também invisibiliza fenômenos sociais complexos e plenos de consequências, como o abandono e os abusos de crianças, de idosos ou de pessoas portadoras de limitações mentais ou físicas.

A concepção moralista de cuidados é contraponto maniqueísta e espelho das concepções moralistas de violência, de natureza e de valor. Em cima, a riqueza e a violência são boas. Em baixo são de evitar. A natureza cósmica é divina. A natureza terrestre é para explorar.

Tabela 1. Conotações polarizadas das palavras

Humanidade	Natureza
Cuidados	Violência
Religião	Ciências
Solidariedade	Risco
Estado	Economia
<i>Res cogitans</i>	<i>Res extensa</i>
Razão	Prática

As escolas são frequentemente apresentadas como ascensores sociais, armas contra as desigualdades sociais, lugares de paixão pelo ensino racional e crítico. O elevado risco de *burnout* dos professores, as humilhações porque passam parte dos alunos, a impotência dos pais que eventualmente se manifesta, são aspectos problemáticos remetidos para o lado obscuro dos sacrifícios reclamados pelo funcionamento das sociedades modernas a todos, beneficiários líquidos e perdedores.

As ideologias modernizadoras fazem vista grossa e desresponsabilizam-se da dualidade de critérios e de efeitos do trabalho das instituições. Por vezes reclamam de dirigentes, de instituições ou do estado as responsabilidades por desmandos, quando entendem subjectivamente serem exagerados ou quando estão dispostas a mudar de regime, na esperança de essa mudança melhorar a vida. Porém,

estruturalmente estas ideologias fazem a apologia da missão imperial exploradora enraizada epistemologicamente no subconsciente, através da escolarização, e emocionalmente no inconsciente, através da socialização familiar.

O panóptico, ao invés do que é a interpretação mais comum, não foi pensado para castigar. Foi pensado para normalizar, naturalizar na consciência, na política e na economia, a necessidade de segredos e sacrifícios próprios das instituições modernas. As celas representam não a vida dos presos, mas a vida da humanidade modernizada, individualizada, cuja única família útil é o guarda que representa, pela ausência onnipresente, os interesses das elites. Interesses que não se expõem. Interesses que podem ser adivinhados e defendidos por quem quiser ter, merecer, acesso a melhores cuidados.

A luta para subir na hierarquia social é, pois, mais inconsciente e subconsciente, mais dependente da educação na família e na escola, do que racional e consciente, ao contrário do que clama a moral oficial (Clark; Sandel). Uma intervenção consciente resultaria de sociedades libertadas da síndrome de Estocolmo, que não é o caso hoje.

As disposições individualistas exacerbadas pelas práticas instituídas na escola, no trabalho, na residência, na carreira profissional, etc., desenham na imaginação de cada pessoa a necessidade de criar percursos sacrificiais, isto é, auto-impostos em função da previsão subjectiva de acolhimento social e avaliação superior capaz de autorizar uma sobrevivência condigna.

A anomia é um conceito que dá conta da desconformidade entre o consciente e os subconsciente e inconsciente. Um excesso de anomia na sociedade pode promover mudanças institucionais e culturais. A anomia é, por outro, lado, indispensável para abrir espaço à criatividade e à inovação, seja de pequeno alcance – cultural – seja de grande alcance – de regime ou civilizacional.

Face à anomia, as instituições panópticas reforçam os sequestros na esperança de a reduzir e de produzir mais legitimidade para exigir sacrifícios, radicalizando culpas e castigos (Mattei). Podem funcionar como uma sangria, excluindo pessoas mais anômicas, usando os seus exemplos como catequese sobre o que é educação e justiça, e como ameaça, através de violência e estigmas sociais aplicados.

As sociedades modernas dependem da multiplicidade de instituições mutuamente isoladas e da coordenação superior das suas actividades visando proteger e promover a missão imperial. Mas nem por isso estão desarmadas perante as estratégias hegemónicas de repressão e exploração, assunto que aqui não será tratado. A invisibilização civilizada esforça-se para esconder as armas de sobrevivência da humanidade fora da colaboração com a missão imperial.

Algoritmo socio-espiritual, micropoder incorporado por tentativa e erro

Duzentos anos depois, Michel Foucault (*Surveiller et Punir*) tornou outra vez famoso o conceito de panóptico proposto por Jeremy Bentham. Mas acabou por se confundir o caso com a regra, a prisão com o algoritmo.

O parlamento inglês estava a discutir a modernização das penas quando Bentham chegou da Rússia. A seu tempo, Foucault usou esse debate para relacionar as prisões à produção da sociedade moderna, numa era em que o abolicionismo das prisões era culturalmente hegemónico. Essa hegemonia inverteu-se, nos anos 1980. Os leitores de Foucault leram-no num contexto cultural radicalmente diferente, oposto. Entenderam o panóptico como um modelo de penitenciária. O panóptico é, porém, a designação de um algoritmo social ainda vigoroso capaz de ajudar a explicar, a compreender e a impor a servidão voluntária (Boétie [1554]).

As prisões eram e continuam a ser percebidas como sociedades à parte, como isolamento de vidas marginais, marginalizando-as mais. O consenso intelectual e social para que Foucault escrevia, criado no pós-guerra, era abolicionista (Mathiesen 6; Wacquant, “O Grande Salto Atrás Penal”). A marginalização e excepcionalidade da condição social dos presos e de todos os internados deveria ser abolida, pensava-se então. Porém, o estado de espírito intelectual e social mudou drasticamente. Passou-se a adotar uma perspectiva reformista auto-satisfeita e resignada de melhoria da gestão das prisões, como de todas as outras instituições, sem questionar as respectivas finalidades. Em vez da abolição das prisões assistiu-se ao aumento do número de presos e à sobrelotação das prisões provocadas nomeadamente pela política proibicionista das drogas imposta globalmente. As penas alternativas tornaram-se forma de aumentar de forma económica o grande número de condenados. Declararam-se direitos humanos especiais para os presos que, na prática, são desconsiderados (Crétenot).

Com o seu livro, Michel Foucault preparava os leitores para as tarefas complexas de abolir a segregação social induzida por micropoderes, poderes fracos, de que não havia consciência (Foucault, *Microfísica do Poder*). Nas prisões, como em outras instituições, o panóptico descoberto por Bentham continuava a funcionar sem que as pessoas o reconhecessem. Foucault limitou-se a redescobrir o algoritmo descrito duzentos anos antes e, entretanto, esquecido pela fraca memória do público e da filosofia, atalhada pela sanha punitivista dominante. Foucault publicou o livro para contribuir para a redução do lado opressivo do estado. Não previu que passasse a ser intolerável imaginar abolir as prisões (Wacquant, “Bourdieu, Foucault, and the Penal State in the Neoliberal Era”). A recepção do livro, orientada pela hiperespecialização reformista profissionalizante, procurou no texto contribuições para a administração criminal e penitenciária.

O panóptico foi o resultado filosófico da observação de práticas modernas de mobilização de trabalhadores livres, mais tarde recursos humanos. Foucault terá querido mostrar que o trabalho livre, de facto, não o era. O trabalho parecia livre porque as pessoas estavam previamente disciplinadas por sistemas panópticos de vigilância e punição capazes de inculcar auto-disciplina. O trabalho apenas é livre enquanto as ameaças de prisão não se concretizam. A modernidade construiu as suas guaritas de vigilância nas hierarquias das diferentes organizações, incluindo na cabeça das pessoas resignadas a viver em celas virtuais ou reais, em salas de aula, postos de trabalho ou na nuvem dos jogos e das redes electrónicas.

O panóptico é uma expressão filosófica retomada por Foucault para relacionar a organização prisional com a do resto da sociedade, a sociedade moderna que ele descreveu genealógicamente como disciplinar. O panóptico é uma representação dos processos de incorporação de micro poderes nos corpos modernos, algoritmos mentais com efeitos biológicos, entre os quais se contam o cuidar de si elitista (Foucault, *A Hermenêutica do Sujeito*) e as confissões e os inquéritos católicos (Foucault, “La Vérité et les Formes Juridiques” Tomo II 583).

Foucault não parou na fronteira entre as ciências sociais e as ciências naturais, onde a biologia se separa da cultura, nem na fronteira entre as humanidades e as ciências sociais, onde a espiritualidade se separa das relações sociais. Tal perspectiva torna o autor fascinante e incompreendido pelos seus leitores (Dores, *Reeducar o Século XXI*).

A vida celular: a individualização social e laboral

As prisões, como as polícias, surgiram no quadro de modernização anglófila das sociedades, época de que Bentham foi contemporâneo.

Essa fase da modernização geralmente referida como liberal ou capitalista, por distinção com a fase anterior chamada acumulação primitiva ou inicial, caracteriza-se pela substituição da exploração do trabalho escravo, característica da primeira fase da modernização, pela exploração do trabalho assalariado, comparativamente livre. A mobilização de trabalhadores deixou de ser realizada principalmente por via da degradação do estatuto social dos vencidos das guerras e de outras razias feitas pela força. Passou a ser feita pela inculcação de disposições sociais de servidão reproduzidas pelos trabalhadores sequestrados, excluídos de outros meios de sobrevivência legítimos que não a venda da sua força de trabalho. A síndrome de Estocolmo assim gerada leva os trabalhadores, por tentativa erro, a interpretar, seguir e ampliar as orientações dos seus superiores. Para além da repressão ocasional, o controlo social é interiorizado por meio de intensos e omnipresentes processos de propaganda e educação que desvalorizam os afectos alegando racionalidade e desvalorizam os cuidados alegando despesas.

O conceito de panóptico pretende reconhecer e dar detalhada e sistematicamente conta da educação moderna para obter disposições favoráveis à condição laboral assalariada. Os empresários, então ditos burgueses, passaram a poupar a organização da logística e as despesas inerentes aos cuidados de manutenção do bom estado dos escravos, que além de capital eram mercadoria. Não tendo a qualidade de mercadoria, os trabalhadores livres teriam de encontrar eles mesmos os cuidados que lhes conviessem com os recursos de que (não) dispunham. Devidamente sequestrados, excluídos do indispensável para sobreviver, puseram-se nas mãos dos eventuais empregadores de quem recebem ordens e interpretam interesses. Ao empresário cabe escolher a mão-de-obra mais produtiva em cada dia, aproveitando o facto de a sociedade se manter sequestrada para tal fim. Filantropicamente,

os cuidados em falta podem ser institucionalizados. As empresas podem atrair mão-de-obra estável e fiel dessa maneira. O estado social pode organizar cuidados à escala de toda a sociedade, parcialmente privatizados, para embaratecer as despesas das empresas e responder directamente às necessidades dos trabalhadores e da sociedade. À medida que o processo de proletarização evoluiu em maior valorização do trabalho, como na profissionalização, a individualização aumentou, mas a prestação de cuidados básicos, como o amor e a amizade, continua a ser desqualificada, desvalorizada, invisibilizada, embora constitua sempre uma grande parte do trabalho necessário à sobrevivência.

A mobilização da escravatura e do trabalho livre para viabilizar a missão imperial de exploração da Terra foi um longo processo conduzido e imposto às sociedades por elites em conflito entre si. O panóptico é uma representação conceptual da possibilidade da continuidade da exploração do trabalho depois da escravatura, em servidão voluntária característica do trabalho livre, como determina a 13ª emenda da Constituição norte-americana. Emenda que aboliu a escravatura com excepção do caso dos presos.

Para Foucault, há que descobrir as histórias de construção, por tentativas e erros, de micro poderes institucionalizados. Foi isso que fez Bentham duzentos anos antes, para recomendar o método do encarceramento que Foucault denunciou. Bentham fez genealogia quando comparou implicitamente os avanços da Inglaterra, em forte processo de industrialização, com o atraso rural da Rússia, onde o seu irmão engenheiro dirigia uma escola experimental de disciplina operária, a pedido da Czarina modernizadora. Os servos russos, como os camponeses expulsos das terras e dos seus meios de subsistência em Inglaterra, eram reeducados pelos engenheiros ingleses de forma a aceitarem a sua nova condição social de operários. As celas do

panóptico representavam o processo de individualização radical que caracteriza ainda hoje a modernização.

Hoje, o guarda panóptico está a ser robotizado no crédito social chinês e na indústria da vigilância global (Zuboff). A vida celular tornou-se realidade íntima em casa, onde as pessoas vivem sós ou em pequenas famílias nucleares, e na rua, onde todos e cada um podemos ser localizados pelo telemóvel e através de écrans. Écrans que nos afastam da realidade e da natureza, como a Alice no País das Maravilhas.

As fases de centralidade da escravatura, do assalariamento e da profissionalização (Reich) nas sociedades ocidentais caracterizam-se por processos de isolamento social cada vez mais aceites e pelos seus efeitos incorporados nas pessoas, reduzidas a indivíduos submissos. O pós-humanismo (Harari) substituiu a ameaça de vigilância e punição penitenciárias pela da vigilância e punição cibernéticas e electrónicas, também dita revolução digital. Projecta no futuro a continuação da individualização celular das pessoas e a erradicação não da guerra ou da miséria, mas da humanidade. A erradicação dos cuidados e dos sentimentos sem os quais os humanos deixam de o ser.

A ideia de fim da humanidade substituída pela sua descendência, as máquinas inteligentes que se auto-produzem, é questionada por quem, bem informado, explica que a ciência, no seu estado actual, não consegue compreender as relações entre as mentes e os corpos, mas, ao contrário das religiões, está segura de não poder haver mentes sem os respectivos corpos (Damásio, *Sentir e Saber*). O pós-humanismo usa as ciências de uma forma religiosa, apocalíptica, trágica, presumindo a continuidade do espírito humano como alma errante incorporada nas suas obras e máquinas depois de a humanidade ter desaparecido. Reflecte um sentimento de esgotamento da fase profissional da mobilização de mão-de-obra (Markovits; Sandel) exposto pelo retorno à

precarização generalizada do trabalho (Graeber; Carmo e Barata) e à prevalência das forças da natureza (Clark e Szerszynski).

Patriarcalismo e prestação de cuidados

Os cuidados das pessoas modernas tornaram-se tarefas tanto mais padronizadas quanto mais individualizadas passaram a estar as pessoas (Reich). As elites, preocupadas sobretudo com os melhores cuidados que poderiam obter dos seus servos (Nietzsche), em segundo lugar preocuparam-se com os cuidados da sua descendência (Todd) e, em condições de acumulação primitiva, também se preocuparam com a saúde dos seus escravos porque eram mercadorias. Com o assalariamento, as elites relaxaram as suas preocupações com os cuidados prestados aos trabalhadores, dado que eles, ao contrário dos escravos, não tinham valor comercial (Blackmon). No pós-guerra, com a profissionalização surge o sector económico de prestação de cuidados organizado por empresas e pelo estado na perspectiva de controlar as revoltas populares típicas da era das revoluções (Hobsbawn), embaraçar os custos da mão-de-obra e promover o crescimento económico e do tesouro público (Hudson).

Esta descrição evolucionista dos quadros sociais de prestação de cuidados deve ser complexificada e eventualmente destruída por histórias que incluam mulheres (Carlen). A Peste Negra reduziu a população de forma drástica e aumentou os salários. As mulheres que tiveram um protagonismo notório nos movimentos de protesto contra a fome foram alvo de caças às bruxas e de processos de degradação do seu estatuto social através de estratégias patriarcalistas cuja genealogia precisa de ser mais discutida, conhecida, compreendida e integrada nas ideologias e na história (Federici).

O patriarcalismo é um algoritmo social e mental, um micro poder, cuja arqueologia é recente e marginal à ciência dominante. Porventura, será um dos algoritmos mais ancestrais da humanidade, ancorado que está na discriminação básica entre sexos (Bastos). Seguro é que o patriarcalismo é uma base indesmentível da construção dos impérios ocidentais, de que Egípto-Roma e os seus símbolos fálicos-guerreiros são um ideal-tipo milenar replicado modernamente.

As mulheres mantêm tradicionalmente um evidente e forte protagonismo na prestação de cuidados, sobretudo aqueles mais importantes e desvalorizados, como a manifestação de amor a crianças, doentes, idosos, pessoas com necessidades especiais, presos, etc. Manifestações de amor que podem ser edificantes e abusivas, tanto da parte dos cuidadores como da parte de quem é cuidado.

As práticas e finalidades das penitenciárias reproduzem esta lógica sexual dualista: os presos são quase sempre homens (90% ou mais) e as visitas são quase sempre mulheres que não os abandonam – ao contrário do que ocorre com as mulheres presas, com menos visitas do que os homens.

O aspecto masculino das prisões, a punição, é completada pela reinserção social, o seu aspecto feminino, desvalorizado, negligenciado, meramente encenado. Os orçamentos dedicados a cada uma destas finalidades são reveladores: ao custo de cerca de três salários mínimos para punir cada preso corresponde a ausência de condições práticas para acompanhar quem sai das prisões no seu processo de cura dos males das prisões. Os cuidados prestados por quem acolha os presos à saída das prisões são os trabalhos mais desvalorizados e invisibilizados que se podem imaginar, pressionados pela necessidade de esconder os ex-presos do resto da sociedade para evitar o estigma.

Apesar dos esforços de cuidar da integração social dos presos levados a cabo pela sociedade, sobretudo por mulheres, a reincidência

penitenciária é grande. É a expressão de uma aliança sacrificial que une sociedades e respectivos estados. Sociedades e estados mobilizados para a missão imperial de explorar livremente a Terra e os recursos humanos produzem e representam nas penitenciárias o contraponto da liberdade que dá sentido sacrificial, de outro modo irónico, à designação de trabalho livre.

A selecção de grupos sociais activamente desapossados de recursos e responsabilizados criminalmente pelo seu próprio destino marginal (Dores, “Hipótese Sacrificial”; Dores, “Quem São Os Presos?”; Dores, *Estado Social Real*) serve de contraponto à alegada liberdade dos trabalhadores em luta pela sua própria sobrevivência de procurarem postos de trabalho assalariado.

A síndrome de Estocolmo produzida nas prisões não afecta apenas os presos. Difunde-se pela sociedade sob a forma de ameaças, nomeadamente as que as polícias organizam contra grevistas, bairros populares ou manifestantes que reclamam reconhecimento da respectiva dignidade, às ordens dos seus superiores.

A discriminação entre sexos tem sido cultural e institucionalmente trabalhada para produzir patriarcalismo, imperialismo, punitivismo, organizados com vista a naturalizar práticas sacrificiais alegadamente fertilizadoras, maximizadoras, propiciadoras dos melhores efeitos das acções colectivas. A sujeição do feminino e das mulheres ao masculino e aos homens justifica-se vulgarmente pela alegada natureza passiva das mulheres, sobretudo em gestação ou amamentação, em contraste com a natureza activa dos homens, não apenas no campo sexual, mas também no campo bélico, intelectual e social. Embora a prestação de cuidados subjectivos seja indispensável e estruturadora das pessoas e das relações sociais, tem sido patriarcal, imperial e punitivamente desvalorizada. Uma parte principal e fundamental do trabalho da hu-

manidade para se reproduzir tem sido desvalorizada sistematicamente em favor dos controles de poder sobre a humanidade.

O panóptico é um instrumento de produção de práticas discriminatórias utilizadas em favor da libertação das elites relativamente aos constrangimentos próprios da vida em fraternidade. As elites trataram de se libertar das sociedades, dividindo-as em trabalho (ao seu serviço) e cuidados (de que se desresponsabilizam tanto quanto podem, no que toca aos outros). A libertação das elites para terem o direito de acumular riquezas para si, excluindo as outras pessoas do acesso a elas, implica satisfazer as sociedades através de ilusões morais, ideológicas, teológicas e, ao mesmo tempo, ameaçá-las com o uso da violência legítima, a começar pelo afastamento de condições sociais de prestação de cuidados básicos.

A ilusão do trabalho livre continua, hoje, a ser fundamental para a manutenção da ordem moderna. É uma liberdade com medo de ser reduzida à escravatura, à prisão, à guerra. Uma liberdade que vale os sacrifícios de trabalhar para empregadores organizados no quadro da missão imperial moderna cuja finalidade e valor é a de acumular riqueza, dita propriedade (Pistor).

O conceito de trabalho livre resiste por efeito da síndrome de Estocolmo difundido pelas guerras, pela memória da escravidão, pelos processos de encarceramento, pela educação e pela propaganda nacionalista ou globalista. As prisões e a evidente discriminação de género entre a população prisional não são sociedades à parte. São instrumentos sacrificiais que encobrem e recobrem os crimes de dominação patriarcal, imperial, capitalista, colonial, através da mobilização do punitivismo que reproduz socialmente a subordinação tácita das populações ansiosas de serem aceites nos processos de integração social longamente destilados hierarquicamente por experiência mi-

lenares das elites ou dos seus representantes locais para explorar a Terra e as outras pessoas.

Apesar dos movimentos dos trabalhadores e das mulheres, da industrialização dos cuidados e da robotização dos controlos sociais, o amor que cuida e suporta mentes saudáveis, sobretudo experimentado na infância, continua a ser o bem existencial mais importante para a boa vida e o bem comum. Isso entra em contradição frontal com a missão imperial globalizada moderna. A ponto de haver quem deseje e preveja a substituição da humanidade por máquinas inteligentes.

Conclusão

A modernidade trouxe entusiasmo aventureiro e voluntarista à vida, caldeado com sensações sociais de segurança, de soberania, anteriormente desconhecidas. Fê-lo à custa da monopolização da violência legítima que elevou a guerra a patamares apocalípticos. Para melhor compreender estas contradições é indispensável romper com as invisibilidades industrialmente produzidas por poderosas máquinas de propaganda, que usam também as escolas e universidades para mumificar o tempo. Nomeadamente, há que reconhecer as especificidades culturais ocidentais industrialmente produzidas no quadro do desenvolvimento do projecto imperial de aspiração universal que efectivamente se globalizou.

Meio milénio de realização do projecto imperial de dominar o mundo através dos mares aprendeu a recrutar mão-de-obra que se sente livre e empenhada em participar na ambição de explorar a Terra em nome da presumida superioridade de quem assim procede e da inferioridade de quem hesita ou se nega. O mistério da colaboração das vítimas contra os seus próprios interesses em tal processo, em

nome dos interesses alheios, resulta dos efeitos sociais alargados da síndrome de Estocolmo, da situação de sequestro de facto de sociedades inteiras, incluindo das suas consciências. Tais efeitos explicam porque a maioria das pessoas aceita e agradece a sua transformação em indivíduos úteis, cujos direitos a cuidados se entende ser justo serem proporcionais à respectiva utilidade, e hostiliza quem questione a organização social vigente e as suas finalidades.

Jeremy Bentham descobriu e traduziu a produção e distribuição desse efeito sob a forma de panóptico. Imaginariamente só perante o mundo, cada pessoa na sua cela individual obriga-se a imaginar quais sejam os desejos dos patrões dos seus vigilantes para assim ganhar as boas graças das elites e ter direito a cuidados, de outro modo inacessíveis.

A manutenção deste efeito social e mental exige a promoção e produção de hierarquias sociais com diferentes direitos a acesso a cuidados, incluindo grupos sociais demonstrativos do que seja viver sem tais direitos, de modo a estimular e incentivar a maioria a lutar para escapar a tal sorte e merecer a aprovação superior.

As discriminações sociais utilizadas politicamente para justificar a existência de hierarquias úteis ao projecto imperial materializam-se na selecção das pessoas que têm e não têm acesso aos cuidados básicos.

Além de dividir para reinar, os cuidados assim manipulados tendem a ser economicamente desvalorizados. Acontece assim por várias ordens de razão. Acontece como forma de humilhação do feminino, aspecto ancestral das discriminações sociais que serve de base à dominação e à hierarquização; para manter fora do campo operacional da exploração a prestação de cuidados, que é o que distingue o regime da escravatura do regime do assalariamento, embaratecendo o valor do trabalho; é também uma forma de desviar as atenções políticas do bem-estar das populações, comparando-as entre si, internamente aos países e entre

países, como características sociais e culturais de responsabilidade moral e prática de cada pessoa, sem valor econômico, escamoteando o valor de base dos cuidados para a existência da humanidade.

A industrialização dos cuidados, como os restaurantes, lavandarias, creches, serviços de limpeza, etc., não impedem de a maior parte do trabalho de cuidados continuar a ser realizado gratuitamente em famílias e comunidades, as únicas que podem dispor de amor para oferecer e, portanto, (ab)usar do poder produzido na promoção dos cuidados.

Referências bibliográficas

- Archer, Margaret S. *Structure, Agency, and the Internal Conversation*. Cambridge University Press, 2003.
- Arendt, Hannah. *Eichmann a Jerusalem*. Gallimard, 1991.
- Arthur, Charles. *Social Warming: How Social Media Polarises Us All*. Oneworld, 2021.
- Bastos, José Gabriel Pereira. “Pensar Freud como a Teoria Geral da Acção Humana.” *Youtube*, 2021.
- Bentham, Jeremy, et al. *O Panóptico*. Tomaz Tadeu (org.), Autêntica, 2000.
- Blackmon, Douglas A. *Slavery by Another Name: The Re-Enslavement of Black Americans from the Civil War to World War II*. Anchor Book, 2009.
- Boétie, La. *Discurso Sobre a Servidão Voluntária*. Antígona, 1997.
- Carlen, Pat. “A Reclusão de Mulheres e a Indústria de Reintegração.” *Análise Social*, vol. XLII, no. 4, 2007, pp. 1005–19.
- Carmo, Renato Miguel do, e André Barata. “Teoria Social da Austeridade: Para Uma Crítica do Processo de Precarização.” *Revista Serviço Público Brasília*, vol. 68, no. 2, 2017, pp. 319–42.
- Christian, David. “Education Revolution with Big History.” *Frontiers*, 2021.
- Clark, Gregory. *The Son Also Rises*. Princeton University Press, 2014.
- Clark, Nigel, e Bronislaw Szerszynski. *Planetary Social Thought: The Anthropocene Challenge to the Social Sciences*. Polity Press, 2021.
- Coser, Lewis A. *The Functions of Social Conflict*. Free Press, 1956.
- Crétenot, Marie. *Das Práticas Nacionais Para as Recomendações Europeias: Iniciativas Interessantes de Gestão das Prisões*. Antigone Edizioni - Observatório Europeu das Prisões, 2014.
- Damásio, António. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Europa-América, 1994.

O panóptico de Bentham e os cuidados modernos

- . *Sentir e Saber*. Círculo de Leitores, 2020.
- Dores, António Pedro. *Estado Social Real*. RCP edições, 2020.
- . “Hipótese Sacrificial.” E-Cadernos CES, no. 37, 2022.
- . “Quem São Os Presos?” *O Comuneiro*, no. 26, 2018.
- . *Reeducar o Século XXI: Libertar o Espírito Científico*. Lisbon International Press, 2021.
- . *Espírito de Submissão*. Fundação Caloust Gulbenkian/Coimbra editora, 2009.
- Elias, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Jorge Zahar Editor, 2001.
- Federici, Silvia. *Calibã e a Bruxa - Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. Coletivo Sycirax, Editora Elefante, 2017.
- Foucault, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Martins Fontes, 2004.
- . *Dits et Écrits 1954 - 1988*. Gallimard, 1994.
- . “La Vérité et Les Formes Juridiques.” *Dits et Écrits*, Tomo II, Gallimard, 1994, pp. 538–645.
- . *Microfísica do Poder*. Graal, 1999.
- . *Surveiller et Punir : Naissance de la Prison*. Gallimard, 1975.
- Furniss, Timann. *Abuso Sexual de Criança - Uma Abordagem Multidisciplinar*. Artmed editora, 1993.
- Giddens, Anthony. *Transformações da Intimidade - Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Celta, 1995.
- Graeber, David. *Bullshit Jobs: A Theory*. Simon & Schuster, 2018.
- Graeber, David, e David Wengrow. *The Dawn of Everything - a New History of Humanity*. Farrar, Straus and Giroux, 2021.
- Harari, Yuval Noah. *Homo Deus; História Breve do Amanhã*. 20/20 Editora, Elsinore, 2018.
- Hobsbawn, Eric J. *A Era Das Revoluções*. Paz e Terra, 1997.
- Hudson, Michael. *The Destiny of Civilization: Finance Capitalism, Industrial Capitalism or Socialism*. ISLET—Verlag, 2022.
- Latour, Bruno. *Down to Earth - Politics in the New Climatic Regime*. Polity Press, 2018.
- Markovits, Daniel. *The Meritocracy Trap: How America's Foundational Myth Feeds Inequality, Dismantles the Middle Class, and Devours the Elite*. Allen Lane & Penguin Books, 2019.
- Mathiesen, Thomas. *The Politics of Abolition Revisited*. Routledge, 2016.
- Mattei, Clara E. *The Capital Order - How Economists Invented Austerity and Paved the Way to Fascism*. Chicago University Press, 2022.
- Merton, Robert K. “Discussion.” *American Sociological Review*, vol. XIII, 1948, pp. 164–68.
- Nietzsche. *A Genealogia da Moral*. Guimarães, 1997.
- Novak, Michael. *A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo*. Principia, 2001.
- O’Neil, Cathy. *Weapons of Math Destruction*. Penguin Books, 2016.
- Ostrowski, Nikolai. *Así Se Templó El Acero*. Ediciones en Lenguas Extranjeras, s/d [1934].
- Palidda, Salvatore. *Racial Criminalization of Migrants in the 21st Century*. Salvatore Palidda (org.), Ashgate, 2011.

- Parsons, Talcott. "An Outline of Social System." *Theories of Society*, Talcott Parsons et al. (org.), Free Press, 1961.
- Petel, Matthias. *La Nature : D'un Objet d'appropriation à Un Sujet de Droit Réflexions Pour Un Nouveau Modèle de Société*. 2017.
- Pistor, Katharina. *The Code of Capital - How the Law Creates Wealth and Inequality*. Princeton University Press, 2019.
- Prigogine, Ilya. *O Fim das Certezas*. Gradiva, 1996.
- Reich, Robert B. *O Trabalho das Nações*. Quetzal, 1991.
- Sandel, Michael J. *The Tyranny of Merit*. Penguin Books, 2020.
- Schofield, Jim. *The Real Philosophy of Science*. Smashwords, 2018.
- Sigaut, Marion. "La Marche Rouge: Les Enfants Perdus de l'hôpital Général." *Youtube*, 2018.
- Todd, Emmanuel. *Onde Estamos?* Círculo de Leitores, 2018.
- Wacquand, Loïc. "Bourdieu, Foucault, and the Penal State in the Neoliberal Era." *Foucault and Neoliberalism*, Daniel Zamora e Michael C. Behrent (org.), Polity, 2015.
- . "O Grande Salto Atrás Penal: O Encarceramento Nos Estados Unidos de Nixon a Clinton." *Aquém e Além Da Prisão - Cruzamento e Perspectivas*, Manuela Ivone Cunha (org.), 90ª editora, 2008.
- Weber, Max. *Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Routledge, 2005.
- Whitehouse, David. "Origins of Police." *Legal System*, United States (History), 2014.
- Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*. Profile Books, 2019.